

Carlos Gomes e Giuseppe Verdi

VIVALDO BRAGA

“Este jovem começa por onde eu termino” — frase que jamais teria pronunciado Verdi em relação a Carlos Gomes a propósito de *O Guarani*.

Verdi, ao contrário de Wagner, não se julgava paradigma insuperável na produção operística romântica do século passado.

I Vespri Siciliani (1855) composta para a grande Ópera de Paris produziu o primeiro difícil encontro do mestre com o mundo artístico que então lhe manifestava desconfiança e hostilidade com relação às suas óperas anteriores. Nesse ínterim trava conhecimento com a obra wagneriana.

Antes, as óperas de Meyerbeer já o haviam instigado a longas reflexões a respeito de questões surgidas pelo aparecimento de um fenômeno musical-operístico novo: o Drama Musical, cujas características eram basicamente opostas ao conceito da ópera italiana tradicional. Este novo mundo o incitou à meditação e à prudência e o tornou mais exigente consigo mesmo e, principalmente, com os libretos. Já o Boito o havia ironizado por não seguir a revolução wagneriana.

Foi durante o último quarto de século que lhe restava que Verdi começou a ponderar seriamente sobre o que iria fazer, ou melhor, sobre o que não iria fazer. No decorrer desse período, três óperas, autênticas obras-primas, amadureceram na sua disciplina mente: *Aida* (1870); *Otelo* (1887) e *Falstaff* (1893). Em 1874, compôs o *Requiem* portentoso em homenagem a Alessandro Manzoni, autor de *I Promessi Sposi*, romance romântico, obra-prima da literatura italiana; mais tarde, refaz o *Simão Bocanegra* e o *Dom Carlos*; compõe as *Peças Sagras*, trios e quartetos para cordas e muitas canções de câmara.

Tais fatos comprovados atestam que Verdi não havia parado quando o jovem Gomes apresentou *O Guarani* no Alla Scala em 1870.

O que se sabe de fato encontramos numa carta enviada por Verdi, em 15 de

maio de 1872 ao advogado G. Pesetti, diretor da *Gazzetta Ferrarese* em resposta a uma indagação desse sobre a impressão de Verdi quanto a *O Guarani*: “Assisti com grande satisfação minha à ópera do meu colega Gomes, *O Guarani*, e posso afirmar-lhe que ela é de corte primoroso, reveladora de uma alma ardente, de um verdadeiro gênio musical”.

Quando eu freqüentava a escola de canto do Teatro Alla Scala de Milão para aperfeiçoar-me como professor de canto, caiu-me às mãos um exemplar da revista *Alla Scala*, editada pelo museu daquele teatro; numa ligeira citação sobre os epígonos de Verdi, havia uma fantasiosa e apócrifa citação de Verdi sobre Carlos Gomes.

Em 1896, ano do sesquicentenário de nascimento do nosso compositor, escrevi ao dr. Badini, sucessor do dr. A. Ghiringhelli, na superintendência daquele teatro, solicitando informações precisas sobre a fantasiosa frase dita por Verdi sobre Carlos Gomes; o dr. Badini atenciosamente passou a minha carta ao escritor, dr. Giampiero Tintore, então diretor do Museu Alla Scala, e profundo conhecedor da vida e da obra do nosso Tônico.

Em carta datada de 4 de junho de 1986, respondeu-me gentilmente o dr. Tintori: a frase “*Questo giovane comincia dove finisco io*” é atribuída a Rossini em relação a Bellini, que começava a despontar no teatro lírico e também a Verdi com respeito a Mascagni, mas desmentida pelo próprio Mascagni.

Se recuarmos mais fundo na história da escultura grega, vamos encontrar Fídias, o mais famoso escultor grego, amigo de Péricles e que dirigiu os trabalhos de construção do Partênio (sic-C. Aulete) Atena, assistido por seus discípulos, adornou-se de esculturas, entre elas, a de Atena; autor também do *Zeus de Olimpia*, uma das sete maravilhas do mundo; exclamou extasiado diante de uma estátua esculpida por um jovem talentoso: “Este jovem começa por onde eu termino”.

Acusado pelos inimigos de Péricles de haver subtraído parte do ouro e do marfim destinados à estátua de Atena e de impiedade por haver esculpido as efígies sua e de Péricles no escudo da Deusa, morreu no cárcere em 431 a.C.

Vivaldo Braga é professor de canto lírico

Biblioteca Centro de Memória - UNICAMP
CMUHE002148